

## Um depoimento sobre o 5º World Urban Fórum

A Conferência UN-Habitat, 5º World Urban Fórum, está se realizando no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o que é sintomático de, pelo menos, 3 aspectos: a posição econômica e política do Brasil no cenário internacional, que tem se ampliando nos últimos anos; - a importância do processo de urbanização no país, marcante pela sua intensidade e rapidez, tanto quanto pelas desigualdades que o marcam; - a força da organização de entidades e movimentos sociais que lutam por uma reforma urbana no país.

A mídia faz referência a 21 mil pessoas inscritas. Circular por esse espaço me faz imaginar que essa cifra não é exagero de estimativa. Há gente de muitos países. O burburinho que se ouve todo tempo resulta do cruzamento de muitas línguas. O colorido das roupas e a diversidade de estéticas torna o ambiente alegre. Os comportamentos, formas de andar, de se manifestar, de cumprimentar uns aos outros revela que, apesar da globalização, somos muitas culturas, somos muitas formações sociais, somos mais de uma geração interessada na questão urbana.

A programação é enorme o que dificulta as escolhas. Há duas ou três dezenas de sessões paralelas no período da tarde e, mesmo durante as manhãs, quando se realizam os grandes debates, há outro amplo conjunto simultâneo de atividades de todo tipo.

O temário e, sobretudo, as falas revelam bem o caráter desse evento: um esforço de diálogo entre a ciência e a política. Ou seria melhor dizer entre a política e a ciência? Neste caso, a ordem dos fatores faz toda diferença.

Muitas exposições revelam intensamente o discurso político, tanto o do poder estabelecido, quanto aquele elaborado pelos que lutam contra ele. Algumas exposições traduzem o esforço da Universidade ou dos intelectuais para estabelecer pontes entre sua reflexão e a urgente necessidade de ação para fazer valer o tema central do encontro: "For a better urban future".

O conceito de fórum é apropriado, porque não se trata de um congresso ou de um simpósio, dado o fato de que é organizado pela Organização das Nações Unidas e, sobretudo, pretende se constituir um ambiente favorável a um diálogo entre o Estado e a Sociedade. No entanto, ele poderia também ser conceituado como um grande festival, tanto pela plêiade de formas de manifestação, como pela multiplicidade de interesses que envolve.

Além de mesas redondas, debates mediados por jornalistas internacionais, sessões de exposição de projetos oficiais, há painéis com resultados de pesquisa, tanto quanto com protestos; há bancas com o oferecimento de publicações oficiais (a Caixa Econômica Federal, por exemplo, distribuiu grande material informativo), tanto como mil folhetos entregues por movimentos sociais; há a sessão solene de abertura em que esteve presente Lula e o Secretário Geral da ONU, mas há ainda os líderes de movimentos de defesa do fim da propriedade, dos sem terra, dos sem teto, dos direitos femininos, dos portadores de deficiências e muito mais; há o show de abertura oficial e, de outro lado, rodas de samba, apresentação de grupos de hip hop e de funk.

Essa diversidade ocorre tanto no âmbito do evento oficial, como no não-oficial, o Fórum Social Urbano. Ter sido organizado um encontro paralelo é muito interessante e um pouco esquizofrênico. Mantém-se a tradição da Sociedade e, mais particularmente, dos movimentos sociais e das entidades de luta por uma transformação mais profunda, de encontrarem espaço para se manifestarem fora da programação oficial, mas se aproveitando do ambiente criado por ela, no que se inclui muita gente e a presença da mídia. No entanto, no Brasil, uma parte grande do que era reconhecido como oposição ao *status quo*, como capacidade crítica, como “esquerda” faz, hoje, parte do Governo Federal e, por força da posição que ocupam ou ocuparam recentemente no Ministério das Cidades, estão nas mesas oficiais, tanto quanto no fórum paralelo. O mesmo se pode falar de uma parte dos líderes de entidades e dos intelectuais mais críticos. Assim, por razões diferentes e com trajetórias diferentes, tanto David Harvey, como Peter Marcuse ou Ermínia Maricato, para tratar de três “estrelas” do debate contemporâneo participaram tanto da programação oficial como da paralela.

Aliás, as aspas para a caracterização deles como “estrelas” não é casual. Há vinte anos quando, num dado evento, assistia-se a falas de grandes intelectuais era comum que, ao final das exposições, eles se vissem cercados de pessoas que queriam cumprimentá-los, trocar idéias rapidamente, pedir uma entrevista ou um autógrafo em um dos livros de autoria deles, que os assistentes portavam animados nas mãos. Hoje, esse contato é mais numeroso (muita gente cerca os expositores e ninguém tem receio de fazê-lo ou considera a forma como o faz inadequada) e mais rápido, porque a razão principal é solicitar para tirar uma foto ao lado do *pop star* do debate contemporâneo. É o mundo das imagens prevalecendo sobre o das ideias.

A imprensa faz o mesmo, leva mais tempo para armar sua parafernália, postando-se entre o palco e o público, com seus fios, seus flashes e seu comportamento barulhento, do que para entrevistar o expositor ou o político da vez, sem contar que depois, ao editar a gravação para a inserí-la na programação, vai cortar a linha de argumentação, porque nada pode se estender além de 30 segundos na programação do Jornal Nacional ou coisa que o valha.

Voltando ao temário, reforço que não apenas ele é extenso, como já destaquei, mas extremamente variado. Há desde sessões para tratar dos problemas do clima em suas relações com a urbanização, passando pelo enfoque das migrações e minorias, para tratar da utopia de uma nova Sociedade e uma nova forma de vida urbana.

Tudo que eu registrar sobre o debate, que está se realizando neste fórum, é apenas o pouco que pude acompanhar e, portanto, não representativo da totalidade do que vem se realizando.

Priorizei assistir alguns grandes debates, como aquele que teve como tema “O direito à cidade”, apropriando-se do título da mais difundida obra de Lefebvre, publicada na década de 1960, cuja atualidade se mantém meio século depois.

Foi um debate muito interessante, tanto pela composição da mesa de debatedores, como pela atuação do jornalista inglês, cujo nome não consegui registrar, que fez um bom papel de intermediação. Como não era uma mesa redonda, mas um debate aberto, após uma rápida exposição de cinco minutos de cada convidado, tudo se desenrolou a partir das questões do jornalista que era bom em apreender as contradições entre os debatedores e valorizar as melhores perguntas do público.

Havia dois professores universitários – David Harvey, geógrafo da Universidade de Nova York, e Edésio Fernandes, jurista da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Compunham ainda a sessão a líder das comunidades urbanas da África do Sul – Rose Molokoane –, a Ministra da Habitação da Espanha – Beatrix Corredor –, o prefeito de Grenoble e presidente de entidade que reúne prefeitos da União Européia – cujo nome também não me lembro mais.

O problema da habitação logo se tornou central no debate, colocando em xeque o estatuto da propriedade jurídica, levando à reflexão sobre o que é legal e o que é legítimo no processo de produção e apropriação do espaço urbano. Não poderia ser diferente, pois esse é um tema que teve centralidade desde o primeiro fórum organizado pela ONU. No entanto, logo outros dois temas apareceram com grande força – a “sustentabilidade”

urbana (e nessa noção cabe de tudo) e a violência urbana (adequadamente tratada por alguns expositores como insegurança urbana).

Outro debate aberto interessante (esse realizado no fórum paralelo) foi o relativo às relações entre cidades e mega eventos, tão oportuno agora que o Brasil sediará os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. Todos trataram de enfatizar o quanto de dinheiro público está sendo investido, para favorecer os ganhos privados, em países em que investimentos sociais são ainda tão urgentes, tanto o Alan Mabin, pesquisador da África do Sul que tratou dessa problemática naquele país, como os pesquisadores brasileiros Gilmar Mascarenhas (geógrafo da UERJ), Carlos Vainer (sociólogo do IPPUR/UFRJ), como João Sette Whitacker (urbanista da USP). Todos reforçaram o quanto esses eventos são capazes de criar identidades locais e formar tamanho consenso em torno deles que é impossível que qualquer crítica seja capaz de criar um movimento eficaz de resistência ou mudança.

Nas sessões menores, escolhi acompanhar aquelas em que os expositores vinham da África, já que há menor bibliografia sobre a pesquisa urbana relativa a esse continente, que passa por muitas mudanças nas últimas décadas. Numa delas conheci a prefeita de uma cidade de quase 200 mil habitantes de Moçambique que se apresentou e se apressou em me dar o folder sobre sua cidade e a falar das suas iniciativas, como se eu fosse uma eleitora....

Chamou muito minha atenção que, em suas apresentações, os expositores oriundos da África tenham valorizado tanto o tratamento do quadro natural, tanto porque esse dado de realidade é imperioso naquele continente, como pelo fato de que sua urbanização recente e incompleta (em muitos países e regiões, há cidades, mas ainda não há urbanidade) propicia-lhes ter, na memória recente, o espaço natural pouco transformado pelas atividades rurais e pouco urbanizado, em que a vida comunitária das nações negras se sobrepunha à constituição dos Estados herdeiros do período de colonização européia.

O local de realização do mega evento é outro ponto que ressalto e acho que ele oferece reflexão sobre as escolhas urbanísticas e arquitetônicas feitas para um encontro que reúne entre outros profissionais, sobretudo, arquitetos e urbanistas.

Foi muito bom saber que o UN Habitat realizava-se nas antigas e abandonadas edificações portuárias que antes cumpriam o papel de armazenamento das mercadorias que chegavam pelo principal porto de importação brasileiro, o do Rio de Janeiro. São grandes galpões, situados na sequência do Pier Mauá, hoje utilizado para o embarque e desembarque dos transatlânticos que, no verão, operam na costa da Brasil.

Esses grandes galpões passaram por algumas intervenções para que a reabilitação, a revitalização e a renovação de seus usos possam ocorrer, o que é iniciativa fundamental para se superar os paradigmas anteriores de urbanismos associados mais à idéia de preservação patrimonial, sem considerar novos usos e funções.

Para abrigar a reunião da ONU, quatro entre esses grandes galpões foram adaptados, conformando um espaço de uso múltiplo, composto por: - grandes áreas destinadas a auditórios, onde se realizavam as grandes conferências e os debates maiores; - inúmeras salas menores, voltadas às sessões paralelas que ocorriam às dezenas, simultaneamente; - áreas destinadas a exposições (painéis, livros etc); - outras reservadas à restauração (alimentação, banheiros, pequenos espaços de estar).

Os três primeiros tipos de espaços estavam sediados dentro dos galpões, delimitados por divisórias provisórias, ornados com grandes painéis negros que exigiam iluminação artificial constante e servidos por sistemas de refrigeração, já que, para a renovação dos usos desses espaços, não se supôs a possibilidade de alguma iluminação e alguma ventilação naturais. Enfim, trata-se da confirmação da tendência de uma arquitetura que exige grande consumo de energia.

Apesar desse problema de natureza ambiental, era um alívio ter acesso a esses espaços, onde era possível ter melhores condições climáticas, porque a solução dada para a composição dos espaços de restauração foi simplesmente péssima.

As marquises originais das edificações que, no passado, cumpriram o papel de cobrir parte das plataformas de embarque de mercadorias foram estruturadas com ferro fundido e cobertas com telha francesa, o que devia ser razoável, pensando-se que elas se abriam para grandes portões que davam acesso aos galpões e recebiam a brisa marítima. Em função dos pés direitos altos, era favorecida, desse modo, a formação de micro climas adequados ao calor que predomina na maior parte do ano no Rio de Janeiro.

Bem, para prolongar a cobertura dessa faixa de plataformas que deve ter uma largura de 8 a 10 metros, a solução arquitetônica encontrada, nesse processo de renovação, foi uma cobertura de acrílico que prolonga o meio telhado antes existente. Em outras palavras, construíram uma sauna coletiva, para nos ser imposta, pois não a escolhemos, e para ser usufruída com roupa!!!

Nessa faixa estavam as lanchonetes montadas para o evento (todas muito precárias), estavam as pequenas mesas e banquetas em módulos que foram dispostas para se sentar e fazer as refeições rápidas ou se efetivar

os contatos e conversas entre os participantes. Bastava se sentar ali para se começar a suar em bicas. Tudo se agravou, a partir do segundo dia, quando dois grandes transatlânticos atracaram ali, formando uma barreira em relação ao pouquinho de vento que conseguia passar acima da lateral erguida de modo a nos separar do mar, também feita em acrílico....

Os banheiros eram outro problema pois, além de não serem suficientes para atender a demanda, foram montados em módulos metálicos que, ao receberem o sol durante o dia, chegavam a causar mal estar aos seus usuários (imagino que se, do lado de fora, a temperatura atingia 38 graus como a imprensa anunciava, ali ela devia chegar aos 50 graus).

O imprevisto que marca nossa vida urbana, na América Latina, distanciando tanto a cidade possível da cidade desejável, ocorria com toda a infraestrutura ali disponível. A empresa privada que deve ter ganho a concorrência para a adaptação do espaço, ainda estava nos dois primeiros dias, estendendo fiação, colando divisórias, resolvendo os problemas de transmissão etc. Suponho que, até 6ª. feira quando tudo terminará, os trabalhos dessa empresa não estarão concluídos.

As lanchonetes ali instaladas só tinham água ou refrigerante gelado até às 13h. Depois disso ou era quente ou não havia mais para vender. O restaurante não devia ter capacidade para mais de 500 pessoas, mas ali havia mais de 20 mil.

As filas para credenciamento, passar nos raios X dispostos na entrada, comprar um hot dog ou almoçar, aguardar o transporte de vans até o metrô ou pegar um táxi prolongavam-se por todos os espaços, favorecendo pouco o encontro e o diálogo entre os participantes, porque consumiam todo nosso tempo livre como ocupavam todas as áreas de circulação e contato entre gente de todo mundo.

Quem é essa gente de todo mundo? É uma 'fauna' à parte. Desde gente engravatada representando o governo brasileiro, a ONU e as inúmeras delegações oficiais, passando por pesquisadores de todo tipo, dos mais positivistas aos, supostamente, mais engajados, ativistas da geração dos anos 60 (hoje senhores e senhoras que ainda guardam em suas vestimentas algum traço da cultura hippie) até os mais jovens, bastante despojados, pós-modernos e muitas vezes com pouca roupa (havia gente circulando de short e top como se fosse à praia ou tivesse saído para tomar uma cerveja na esquina). Isso tudo contrastava demais com as pesadas roupas longas dos africanos e das africanas, com os *tailleurs* das professoras européias e indianas e com os trajes da delegação japonesa, super ocidentais, com suas grifes esportivas (os Nike da vida) e suas bolsas contendo seus maravilhosos equipamentos de fotografia.

Tudo que havia em excesso, como o que faltou em termos de conforto e de organização tornam a experiência interessante. Revelam, às avessas, um pouco do que é o mundo atual: o aumento da riqueza, a ampliação da nossa capacidade de produzir conhecimento e a presença mais efetiva da Sociedade organizada não têm sido suficientes, ainda, para fazer o novo em termos de vida urbana, embora, aqui e ali, possa se pensar nele. Há descompassos grandes entre a nossa capacidade de pensar, analisar e aquela tão urgente que é a da agir, tanto porque as forças econômicas se querem imperiosas, como porque a falta de objetividade e de condições políticas para novas alianças, entre os que precisam redefinir a vida urbana, retarda a superação do paradigma que orienta nosso cotidiano nas cidades.

Maria Encarnação Beltrão Sposito

Março de 2010